

## Índice

CNM/CUT participa de Conferência no Canadá	01
UAW elegeu novo presidente	02
Lançamento da Campanha Salarial 2010	03
Toyota-China: greve arranca aumento	04
Onda de greves na Europa	05
O que está em jogo nas eleições de 2010	06

## INTERNACIONAL

### CNM/CUT participa de Conferência Mundial sobre Sustentabilidade

A CNM foi representada por João Cayres, secretário geral, e Claudir Nespolo, presidente na conferência sobre sustentabilidade organizada pelas Federações Sindicais Mundiais dos Metalúrgicos e dos Químicos, em Toronto.

Representando em torno de 45 milhões de trabalhadores, duas das maiores **Federações Sindicais Mundiais** realizaram uma conferência de dois dias (18 e 19 de junho) para debater economia, meio ambiente e dimensões sociais de sustentabilidade em Toronto, Canadá, com a intenção de construir uma declaração comum dos trabalhadores e comunidades de todo o mundo para ser entregue durante os encontros do G8 e G20.



Fernando Lopes (secretário-geral adjunto da FITIM, ao lado de Claudir Nespolo e João Cayres

Chamada de "Crise Tripla de Sustentabilidade", a Conferência é organizada pela ICEM, entidade mundial que representa os trabalhadores no ramo químico, minas e energia e pela Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas (FITIM), com a participação ativa de representantes de 270 sindicatos e outros líderes de mais de 50 países.

Para Claudir Nespolo o Brasil soube enfrentar a crise. "Nós fomos o último país a entrar na crise e o primeiro a sair. Além disso, investimos em combustíveis renováveis há muito tempo. Por isso, podemos mostrar aqui que nossas experiências não só no campo econômico mas também nas políticas ambientais podem ser um referencial para outros países", afirmou Claudir.

Já o secretário-geral da FITIM, Jyrki Raina, diz que a "as incertezas que os trabalhadores e suas famílias enfrentam é algo sem precedentes". Ele afirmou que as entidades querem garantias que os encontros do G8 e G20 legitimem as preocupações dos trabalhadores sobre justiça social, empregos sustentáveis e com longa duração, além da inclusão de taxas globais sobre as instituições financeiras.

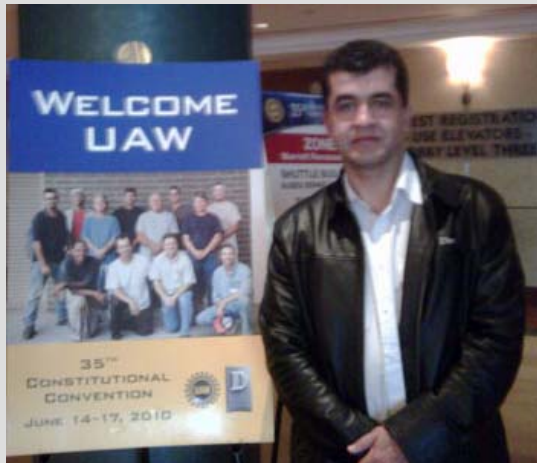
A crise financeira que deixou a economia mundial de joelhos, precisa de correções e também de vozes daqueles que foram mais afetados pelas calamidades causadas pela ganância bancária", disse o presidente do ICEM, Manfred Warda

As duas entidades acreditam que as crises que quebram os países, despreocupação com o meio ambiente e a desordem social estão interligadas. Por isso, a conferência quer assegurar que as vozes dos trabalhadores em nível global serão ouvidas no que diz respeito a estes assuntos nos encontros do G8 e G20. (Valter Bittencourt - Imprensa CNM/CUT e FITIM)

Empregos, direitos dos Trabalhadores, proteção social, serviços públicos de qualidade e sustentabilidade - ambos com preocupação ambiental e promovendo o trabalho decente - serão a essência de uma declaração comum da conferência para o G8 e G20.

## UAW elegeu novo presidente

O secretário-geral da CNM/CUT, João Cayres, está desde 14 de junho na América do Norte, representando a **Confederação Nacional dos Metalúrgicos no 35º Congresso da United Auto Workers (UAW)**, sindicato dos trabalhadores no setor auto nos EUA, Canadá e Porto Rico. O evento marcou a despedida de Ron Gettelfinger da presidência da UAW, dando lugar a Bob King.



Para **João Cayres** o Congresso fez uma boa escolha. "Esta é uma das grandes promessas para o sindicalismo mundial, pois o companheiro Bob é uma pessoa bem acessível e que tem uma visão mais internacionalista", disse João,

Ele adiantou existir conversas em curso para que a Ford reconheça a organização e a rede internacional dos trabalhadores na monta-dora, bem como a assinatura de um Acordo Marco Internacional, que tem por objetivo estabelecer padrões globais de responsabilidade social junto aos trabalhadores de uma mesma empresa.

Segundo João, depois da crise mundial, a situação em Detroit ainda não é boa, assim como em todo o país. "Percebo que de um ano pra cá houve um empobrecimento da população em Detroit. Estive aqui em abril do ano passado, às vésperas da falência da GM e tudo piorou depois disso. Mas há um esforço de recuperação, em especial pela Ford, mas as coisas ainda caminham lentamente", constatou.

### A Crise da Industria Automotiva

Detroit tem sido atingida mais duramente do que praticamente qualquer outra cidade dos EUA pela concorrência crescente da Ásia, o aumento dos preços do petróleo ea recessão econômica que teve um custo pesado sobre as "Três Grandes montadoras" - Chrysler, Ford e General Motors.

De acordo com o Centro para Pesquisa Automotiva (CAR), em 2007 pela primeira vez na história, as empresas internacionais, como Toyota, Honda e Hyundai venderam cerca de metade dos carros no país. Até o final de 2009, a participação das montadoras nacionais tinha caído ainda mais, a cerca de 42%.

Para muitos críticos as "Tres Grandes" são culpadas, pelo menos em parte, pela situação com seus erros de design ou por ignorarem os combustíveis alternativos.

O resultado foi uma hemorragia de empregos da indústria automotiva - entre 1993 e 2008, o estado de Michigan (que abriga a cidade de Detroit), perdeu 83 mil empregos no setor. Em 2008, a indústria automóvel como um todo estava operando com capacidade inferior a 50%, segundo dados do CAR.

"Mundialmente, novos mercados estão surgindo e a indústria dos Estados Unidos permanece estagnada, instável, porque a riqueza e a renda continuam a migrar dos trabalhadores para os ricos", Frank Joyce, que serviu como porta-voz da United Auto Workers (UAW), disse à agência IPS. (Com material do IPS-Inter Press Service)

## Lançamento da Campanha Salarial 2010

Metalúrgicos da CUT entregam pauta da Campanha Salarial aos patrões em SP

Reivindicações da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT, FEM/CUT-SP e dos 12 sindicatos filiados no Estado foram entregues após um ato na frente da Fiesp, na Av. Paulista, em São Paulo

Raquel Camargo



Trabalhadores de 12 sindicatos filiados à FEM-SP participaram do ato na Fiesp

Representando 12 sindicatos filiados que somam 250 mil trabalhadores em São Paulo, a Federação Estadual dos Metalúrgicos da CUT-SP entregou nesta quinta-feira (24) a pauta da Campanha Salarial 2010 aos seis grupos patronais que negociam com a categoria.

Após um ato diante da Fiesp, na avenida Paulista, receberam as reivindicações os representantes dos Grupos 2, 8, 10 e Fundação. À tarde, o documento foi entregue para a Anfavea e o Sindipeças.

"Nossa expectativa é muito boa", comentou **Valmir Marques, o Biro Biro, presidente da FEM**. "Vamos negociar salário em um cenário de econômico da produção e contratações", prosseguiu.

Ele explicou que a Federação encaminhou a pauta deste ano cerca de um mês mais cedo que o habitual por conta do período eleitoral. "Queremos fechar um acordo o mais rápido possível", disse Biro Biro. "Nossa experiência mostra que não é produtivo fazer campanha salarial em época de eleições", afirmou.

### Choradeira dos Patrões

**Sérgio Nobre, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC**, destacou que a entrega de pauta era apenas o pontapé inicial da Campanha Salarial. "Daqui para a frente, é muita mobilização e muita luta", destacou.

"Nossa campanha é diferente do futebol, onde os torcedores ficam na arquibancada acompanhando o jogo", continuou o dirigente. "Em nossa campanha, ninguém fica na arquibancada esperando o acordo. Os trabalhadores tem que entrar em campo e jogar junto com os dirigentes", comparou.

O presidente da **CUT São Paulo, Adi Lima**, alertou o pessoal presente no ato para não se assustar com as lágrimas que caíam do prédio da Fiesp. "Todas as vezes que entregamos uma pauta, começa a choradeira dos patrões dizendo que estão em dificuldade para atender nossas reivindicações", lembrou.

### Contrato coletivo

Já o **secretário de Relações Internacionais da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT), Valter Sanches**, destacou que o acordo fechado pela categoria em São Paulo é parâmetro para todo o Brasil.

"As negociações feitos nos demais Estados neste ano estão com piso maior por causa de nossos acordos, o que é bom para a luta histórica dos metalúrgicos em busca de uma convenção coletiva nacional", concluiu. (**Sindicato dos Metalúrgicos do ABC**)

## Toyota-China: greve arranca aumento

Paralisação numa subsidiária da gigante automóvel perto de Pequim. Sem o apoio do sindicato, trabalhadores usam celulares e a Internet para se organizarem.

A poderosa onda de greves que percorre a China bateu às portas de Pequim. Na terça-feira, dia 17, os trabalhadores da Tianjian Starlight Rubber & Plastic Co, associada à Toyoda Gosei, uma subsidiária da fabricante de automóveis Toyota, fizeram uma rápida greve, com os trabalhadores retornando ao trabalho depois de arrancar aumentos salariais.

As negociações continuam, mas já num marco de vitória dos trabalhadores, que podem voltar à greve caso o acordo final não seja satisfatório.

A Tianjian Star Light fabrica cintos para utilização nos carros. Mas já está claro que agora chegou a vez da Toyota, após três greves paralisarem as operações da rival Honda nos últimos dias. A greve foi na cidade de Tianjin, próxima a Pequim. A Toyota é particularmente frágil perante as greves, já que o seu sistema produtivo é baseado na inexistência de stocks, sistema que ficou mundialmente conhecido.

A rapidez na resolução da greve é produto da aprendizagem com as greves da Honda. Se a Toyota não quiser passar por uma onda de greves em todas as unidades que possui na China, terá de responder rapidamente às desigualdades de salário existente entre os seus funcionários.

## Toyota-China: nova greve

Paralisação numa unidade que fabrica peças plásticas para os automóveis forçou a interrupção da produção na principal fábrica da Toyota na China.

Na sexta-feira, dia 19, uma nova greve noutra unidade da Toyoda Gosei, subsidiária da fábrica de automóveis em Tianjin, forçou a paralisação da principal fábrica da Toyota na China. Desta vez foram os trabalhadores da unidade que produz peças plásticas para os carros que cruzaram os braços.

Também neste final de semana, os trabalhadores da Honda Lock, em Guangdong, finalizaram o acordo com a empresa, conquistando pelo menos 20% de aumento, após terem realizado uma greve dias atrás e voltado ao trabalho enquanto continuavam a negociar o aumento.

Em Longquan, na província de Zhejiang, centenas de trabalhadores da cervejaria dinamarquesa Carlsberg, após outra breve paralisação, conquistaram 30% de aumento. Zhejiang é uma província vizinha a Xangai, o que demonstra que a poderosa onda de greves se espalha pelos principais centros económicos da China, já que as greves chegaram também às portas de Pequim.

As informações sobre a onda de greves na China são bastante precárias, pelo facto de a imprensa chinesa ser censurada pela burocracia do Partido Comunista, e apenas as greves que envolvem empresas grandes, como a Honda e a Toyota, conseguem furar o bloqueio da censura, mas é de se imaginar que inúmeras outras greves estejam a ocorrer na China durante os últimos dias.

## Greves contra a patronal e a federação sindical chinesa

A actual onda de greves, que está a estremecer os pilares das relações trabalhistas na China moderna, tem como característica principal a luta contra o patronato e contra a Federação Sindical Chinesa que ou não organiza os trabalhadores ou, quando organiza, é para travar e controlá-los. Os trabalhadores, inexperientes, têm de se organizar de forma independente para poder desenvolver as suas lutas. Para isso, têm lançado mão do famoso boca-a-boca, mas utilizando recursos mais modernos como os telemóveis e a internet.

A situação actual, onde explodem greves por todos os lados, demonstra que isso ocorre pelo facto de os trabalhadores chineses, reprimidos pela burocracia do Partido Comunista, não possuírem uma central sindical combativa para organizar a sua luta a nível nacional. A actual situação de desigualdade salarial afecta a maioria dos trabalhadores no país e em qualquer outro local estaria a ser cogitada um greve geral, para unir todos os trabalhadores, já que sofrem o mesmo problema e estão obrigados a lutar de forma isolada, enfraquecendo a sua negociação. (Por Tomi Mori, de Tóquio para o Esquerda.net)

## **Itália: greve geral dia 25 de Junho**

O Comité de Direcção da **Confederazione Generale Italiana del Lavoro (CGIL)** convocou uma greve geral para 25 de Junho que durará o dia inteiro no sector público e pelo menos quatro horas no sector privado, com manifestações por todo o país.

Os sindicatos têm insistido na necessidade de um imposto sobre as grandes fortunas e na luta contra a evasão fiscal.

O protesto organizado pela Confederação vem responder ao "plano de ajuste" do governo italiano, repetidamente descrito pela CGIL como "injusto e errado": "O governo aprovou uma medida injusta, desigual e com as escolhas que deprimem mais e mais a economia", diz a central sindical no panfleto que convoca a greve geral, anunciada em conferência de imprensa no passado dia 17 de Junho.

Berlusconi prepara-se para aprovar um plano de austeridade que prevê cortes no investimento regional e científico (cerca de 40%), congelamento de salários na função pública em geral e redução dos vencimentos dos juizes e dos médicos, dispensa metade dos trabalhadores precários do sector público, impede durante um ano os pedidos de reforma e estabelece que, em 2012, as funcionárias públicas verão a idade da reforma fixada nos 65 anos, baseando-se num critério sexista para limitar o direito à aposentação.

A CGIL reclama pela necessidade de uma verdadeira política industrial, colocando a prioridade na defesa do emprego, crescimento e desenvolvimento e propõe um "plano especial de trabalho" com base em no investimento público e nas contribuições da nova geração em sectores estratégicos da economia, educação e investigação.

Os sindicatos irão tentar uma mobilização geral da população e sairão à rua no dia 25 de Junho tendo com mote do protesto: "Tudo sobre os nossos ombros? NÃO!".

## **Grécia: Sindicatos convocam sexta greve geral**

Centrais sindicais gregas convocaram greve de 24 horas para 29 de Junho, contra o pacote laboral e os cortes nas pensões.

As centrais sindicais gregas **GSEE** e **ADEDY** convocaram nova greve geral de 24 horas para dia 29 de Junho, para protestar contra o pacote laboral e os cortes nas pensões de reforma.

A sexta greve geral que os trabalhadores gregos farão em 2010, foi convocada num dia em que Atenas esteve sem transportes públicos durante cinco horas, devido a uma greve dos trabalhadores do sector. Nesta sexta feira decorreu também o segundo dia de greve dos trabalhadores do Metro, que vão parar até à próxima terça feira.

Os trabalhadores gregos protestam em particular contra o aumento da idade de reforma dos 61 para os 65 anos e que fixa em 40 anos, contra os anteriores 35, o número mínimo obrigatório de anos de descontos para ter direito à pensão completa.

## **Espanha: centrais sindicais preparam greve geral**

As centrais sindicais **CCOO** e **UGT** aprovaram a realização de uma greve geral, em protesto contra a reforma laboral e do sistema de pensões do governo de Zapatero.

Foi indicado o dia 29 de Setembro, coincidente com uma iniciativa sindical europeia contra os planos de austeridade da UE. A decisão foi anunciada sem definição da data numa reunião das direcções das duas maiores centrais sindicais espanholas, **CCOO (Confederación Sindical de Comisiones Obreras)** e **UGT (Unión General de Trabajadores)**.

Esta greve geral será a sexta desde o fim do franquismo e a primeira contra o governo socialista de José Luís Zapatero. Segundo o El País, Manuel Fernández López Lito, Secretário-Geral do sindicato do Metal, Construção e Afins da UGT, confirmou em Segóvia, que a greve será marcada para dia 29 de Setembro.

## O que está em jogo nas eleições de 2010

Em quatro meses o Brasil terá decidido quem será o próximo(a) presidente(a). Destaca-se muitos aspectos da particularidade desta campanha, desde o de que Lula não será candidato, pela primeira vez, desde que o fim da ditadura trouxe as eleições, até o do protagonismo de duas mulheres entre os três principais candidatos.

Mas o tema mais importante é o do julgamento de um governo até aqui sui generis na história política do país. Um presidente de origem operária, imigrante do nordeste, chega ao final do seu mandato com a maior popularidade da história do país e submete democraticamente seu governo a uma consulta popular, mediante a apresentação como sua possível sucessora da coordenadora do seu governo.

Um governo que começou rompendo o caminho do Área de Livre Comércio das Américas, conduzido pelo governo anterior, que teria levado o Brasil e todo o continente à penosa situação do México: 90% do seu comércio exterior com os EUA, como reflexo disso na crise retrocedeu 7% seu PIB no ano passado, foi ao FMI de novo, assinando a Carta de Intenções (deles).

O novo governo promoveu uma reinserção internacional do Brasil, privilegiando os processos de integração regional e as alianças com o Sul do mundo. A China tornou-se o primeiro parceiro comercial do Brasil, o segundo é a América do Sul como um todo, em terceiro os EUA. A crise revelou os efeitos dessa mudança: pudemos superá-la rapidamente pela diversificação do comércio internacional e a menor dependência das relações com os EUA, a Europa e o Japão. (Além do papel importante do mercado interno de consumo popular.)

Esse é um dos temas que está em jogo: o lugar do Brasil no mundo. Seguir aprofundando essa nova inserção ou voltar à aliança subordinada com os EUA e as potências centrais do sistema.

O outro tema – em que igualmente houve maior mudança na passagem do governo FHC para o de Lula: as políticas sociais. No governo anterior, a distribuição de renda seria resultado mecânico da estabilidade monetária. Controlada a inflação – “um imposto aos pobres” -, se recuperaria capacidade de compra dos salários.

No governo Lula, as políticas sociais tiveram um papel reitor. O modelo econômico não separava o crescimento econômico e a distribuição de renda. A recuperação da capacidade do Estado de promover o desenvolvimento – este um tema abolido no governo FHC – foi também um aspecto novo, junto à extensão do mercado interno de consumo de massas. Mudou a direção do comércio exterior e seu peso, reforçando-se o mercado interno.

Esse tema também está em jogo. Os governos neoliberais deram prioridade ao ajuste fiscal, ao controle inflacionário. O governo Lula priorizou a esfera social.

Está em jogo também o papel do Estado. Como costuma acontecer, o candidato opositor considera excessiva a presença do Estado, a carga tributária, os gastos estatais, os investimentos e os custos da máquina estatal. As críticas ao supostos “corporativismo” e a comparação com Luis XIV tem como direção o Estado mínimo e a presença maior do mercado.

No seu sentido geral, podemos dizer que as eleições deste ano definem se o governo Lula é um parêntese, com o retorno das coalizões tradicionais que governaram o Brasil ao longo do tempo ou se é uma alavanca para definitivamente sair do modelo neoliberal e construir uma sociedade justa, solidária, democrática e soberana. Caso se dê esta última alternativa, os setores conservadores sofrerão uma derrota de proporções, com toda uma geração dos seus representantes políticos praticamente terminando suas carreiras e abrindo espaço para grandes avanços na direção das orientações do governo Lula. (*Emir Sader*) (*Carta Maior, 21.06.2010*)